

Política

CONSTITUIÇÃO

A mão do presidente tremia enquanto ele jurava a Constituição. Seus poderes começam a encolher.

Sarney tremeu na hora do juramento

Enquanto o presidente José Sarney tremia a mão direita ao prestar seu juramento à Constituição, a deputada constituinte Beth Azize (PSDB-SP) se preparava para passar às suas mãos um diploma de cartolina parda onde, com tinta azul de pincel atômico, estava escrito: "Quem jura falso, vai pro inferno".

Mas a deputada, que também tinha um diploma para o senador Mário Covas ("Tucano que não avoa, dança"), confessou-se tomada pelo "astral da alegria" e acabou mostrando seus cartazes apenas para os colegas parlamentares e jornalistas, após a sessão solene.

Na verdade, a prevenção de muitos constituintes contra Sarney, não podia ser chamada de gratuita. Enquanto duraram os trabalhos da Assembléia, convocada pelo próprio Sarney — que assim atendeu a um compromisso de honra herdado do presidente Trancredo Neves —, este se transformou em seu crítico mais implacável. Atacou como pôde o texto que se produzia. Chegou, como chefe do poder executivo, quase ao confronto com o poder constituinte (o amigo e inspirador de Sarney em muitos desses ataques, o consultor-geral da República Saulo Ramos, sequer compareceu à solenidade. "Ficarei em casa, redigindo decretos", ironizou Saulo, em conversa telefônica com o ministro da Indústria e Comércio Roberto Cardoso Alves).

Ao entrar no plenário da Constituinte, o presidente estava nervoso e pouco à vontade. Afinal, a festa não era dele. O centro das atenções era o deputado Ulysses Guimarães, que teria o privilégio de promulgar a Oitava Constituição do Brasil.

Sarney temia vaias. Um dia antes foi à televisão dizer que seria o primeiro a cumprir a Constituição, mas ontem ainda receava que os constituintes não tivessem perdoado seus ataques ao texto da Carta. Sua emoção parece ter aumentado quando vieram os aplausos: pelo plenário e pelas galerias, onde estavam todos os seus ministros.

Quando prestou o juramento, não conseguiu controlar os tremores da mão direita, estendida no ar. "Ainda sou um homem capaz de me emocionar", explicou mais tarde, mais tranquilo, autografando dezenas de exemplares da Constituição para deputados e senadores.

O resto do dia foi quase comum para o presidente. Ele acordou às 6h30 — em um Palácio do Planalto fechado devido ao feriado —, fez ginástica e caminhou quatro quilômetros, antes de trocar um longo telefonema com o ministro da Fazenda, Mailson da Nóbrega. No almoço, "não demonstrava tristeza ou alegria, estava apenas relaxado", segundo seu filho, o deputado Sarney Filho, que sentou à mesa com o pai e a mãe, dona Marly.

Antes de almoçar, Sarney conversou com o amigo e ministro dos Transportes, José Reinaldo Tavares, que guardou uma frase do presidente: "Esta é a primeira Constituição brasileira que reconhece a importância da iniciativa privada", disse, em tom de elogio.

Elogios e palmas não faltaram ao abnegado Ulysses. Seu neto, Francisco, 11 anos, que assistiu ao discurso do colo da avó, Mra, garantiu que o avô foi interrompido 92 vezes por aplausos (exagero, "só" foi interrompido 30 vezes). E arrematou, como quem fala de um ídolo:

— Ele (Ulysses) hoje **tava** demais.

Mora, provavelmente orgulhosa com o desempenho do marido, era só sorrisos na tribuna de honra. Sempre bem-humorada, tentou inúmeras vezes entabular conversa com sua vizinha de poltrona, Marly Sarney. Mas respostas curtas encerravam o diálogo com a mulher do presidente da República, que, muito séria, preferiu trocar confidências com Dóris, esposa do ministro do Exército, Leônidas Pires Gonçalves.



Sarney jura. Sua mão treme.



Mãe-de-santo Guy: previsões divertidas.



Ulysses foi o gigante da festa.

Ulysses e Maluf perderão - dizem os búzios.

O deputado Ulysses Guimarães e o ex-deputado Paulo Sallim Maluf podem ir tirando o cavalo da chuva. O primeiro não será o próximo presidente do Brasil, e o outro perderá as eleições municipais de São Paulo para João Leiva. Por outro lado, o jurista Miguel Reale Junior, que assessorou Ulysses nos trabalhos da Constituinte, poderá ser presidente da República dentro de uma década. As previsões, é bem verdade, não são de especialistas em política, e sim do pai-de-santo Luiz Carlos do Xangô e da mãe-de-santo Guy de Ya Ogum, represen-

tantes oficiais do candomblé nas comemorações cívicas de promulgação da nova Constituição, em Brasília.

Luiz Carlos e Guy de Ya transformaram-se, ontem pela manhã, no centro das atenções no gramado defronte ao Congresso Nacional. Seus búzios, entretanto, não conseguiram identificar o novo presidente da República. Revelaram, apenas, que este terá muitos problemas para governar o País e será incompreendido nos primeiros dois anos de mandato.

O curioso é que enquanto não conse-

guem definir o nome do próximo presidente, os búzios afirmam que o pouco cotado Miguel Reale Junior poderá assumir a presidência em dez anos... Bem, não é tão estranho assim. Afinal, o próprio jurista admitiu que é um velho cliente de mãe Guy e Ya.

No fim da tarde, Luiz Carlos de Xangô e Mãe Guy participaram do coquetel no Salão Negro da Câmara, trajando ricas roupas rituais douradas. A dupla exótica da festa da promulgação foi uma das mais fotografadas do dia.

Arinos: "Críticas visam o fim da liberdade".

Em seu discurso, proferido em nome dos constituintes, o mais idoso deles, Afonso Arinos (PSDB-RJ), 82 anos, advertiu que as críticas hoje dirigidas aos políticos em geral, procurando desmoralizá-los, podem atingir a Constituição e as liberdades por ela garantidas.

Ele começou traçando breve histórico das Constituintes brasileiras. Lembrou a dissolução da primeira delas, a de 1823, assinalando que "a coação militar sobre

aquela assembleia infelizmente não foi a única na nossa História". Referiu-se à Constituinte de 1946 e observou o crescente distanciamento entre a letra dos textos constitucionais e a sua aplicação. A Nova Constituição não fugiu a isso: "Direito individual assegurado, direito social sem garantia — eis a situação".

Depois, tratou do que considera "movimento orquestrado" contra os políticos. A intenção, a seu ver, "é de acabar não com a

política, que não acaba nunca, nem pode acabar, mas acabar com as liberdades". E conclamou os constituintes a fazer política e a defender a nova Constituição. Não deixou também de externar certa mágoa pelo fato de o presidente Sarney não ter aproveitado o projeto de Constituição preparado pela comissão dos notáveis, por ele presidida. Disse que o presidente Sarney recebeu o trabalho, dedicou-lhe "belo e generoso discurso", mas preferiu não o remeter à Constituinte.

CURTAS

Quem não quiser esperar até que a nova Carta seja impressa e chegue às livrarias, basta dispor de Cz\$ 50 mil e qualquer tipo de microcomputador que receberá em troca um conjunto de quatro disquetes. A Constituição eletrônica foi lançada ontem mesmo no mercado e trata-se de uma base de dados com todos os artigos. A partir da escolha de um assunto, basta digitar uma palavra-chave e imediatamente o computador fornece todos os artigos que tratam do assunto. Pode-se chegar a artigos mais específicos até um número máximo de 98 encadeamentos de assuntos. O sistema foi desenvolvido pela CTIS em conjunto com a Pántheon que, em apenas 30 dias e mobilizando 12 pessoas, conseguiram armazenar os trabalhos que os 559 parlamentares levaram quase dois anos para finalizar.

Fôlego

Depois de 3.500 horas de gravação distribuídas por 762 edições, foram ao ar ontem os dois últimos programas do "Diário da Constituinte". "Foi um trabalho excepcional", comemorava o primeiro-secretário da Assembléia, Marcelo Cordeiro, responsável pelo "Diário" e pela coordenação

do trabalho de uma equipe de 33 pessoas. Todos os constituintes, independentemente de suas correntes ideológicas, tiveram chance de participar; foram superadas inclusive as pressões de grupos conservadores, que insistiam em dar um caráter esguerdista ao programa. No último "Diário", a equipe foi às ruas para entrevistar as pessoas, que acabaram demonstrando algum conhecimento sobre o texto. "Isso indica o quanto foi importante nosso esforço de transformar aquelas informações em linguagem entendida por todos", dizia Cordeiro. E foi exatamente essa edição que Ulysses Guimarães requisitou ao "Diário da Constituinte", segundo ele, para ter em mãos um registro particular de seu trabalho.

Outras preocupações

Enquanto Ulysses Guimarães declarava a promulgação da "Constituição da coragem", em Brasília, na Assembléia paulista, os poucos parlamentares presentes ontem não se preocupavam em assistir a solenidade pelas tevês distribuídas na Casa. As preocupações eram outras — como as campanhas eleitorais, por exemplo. O deputado Waldemar Chubbacci, do PMDB, previa que



Disputando exemplares da nova Constituição

seu partido não conseguirá a mesma quantidade de prefeituras da eleição passada. Outros parlamentares, contudo, demonstravam maior interesse com a confecção da Constituição estadual. E ponderavam que, se o presidente da Assembléia Legislativa será também o presidente da Constituinte estadual, o mandato da atual Mesa diretora terá que ser prorrogado.

O primeiro

Se depender do deputado Jarbas Li-

ma, do PDS, presidente da comissão constituinte do Legislativo gaúcho, o Rio Grande do Sul será o primeiro Estado a instalar sua Constituinte estadual. Lima prevê que a Constituinte gaúcha estará formalmente instalada antes do próximo dia 19. E destacou que o anteprojeto de regimento interno já está pronto. Na próxima terça-feira, termina o prazo para apresentação de emendas — e o texto já estará em condições de ser votado em plenário. A pressa de Lima é justificável: se tudo for transferido para depois das eleições municipais, as Constituições estaduais terão que ser adiadas, o que pode representar um prejuízo. Depois da eleição de novembro, vêm as votações dos orçamentos, seguido do recesso parlamentar e com um ano de eleição presidencial.

Comemoração

Se não fosse a iniciativa de Adelson Gumburger, proprietário do Bar O Constituinte, no Rio, a promulgação da nova Carta passaria em branco na cidade. Gumburger abriu as portas de seu estabelecimento e improvisou uma "festa sem hora para terminar", com muito chope e microfone à disposição de quem quisesse elogiar o no-

vo texto ou fazer ataques às novas leis. Em Brasília, como foi decretado ponto facultativo, o brasileiro viveu o dia da promulgação como outro qualquer. Funcionários públicos preferiram adiantar suas compras no supermercado, alheios ao culto ecumênico sendo celebrado no Congresso Nacional. Nas portas dos colégios da rede privada, que mantiveram as atividades, as crianças apenas reclamavam não poder estar em casa, desfrutando do "feriado" em companhia dos pais.

Em campanha

O discurso de Ulysses Guimarães foi interpretado pelo presidente da UDR, Ronaldo Caiado, como "uma peça perfeita de discurso de campanha". Caiado não criticou Ulysses por isso, nem descartou a possibilidade de apoiar o presidente do PMDB. Mas acha que ainda é cedo. "Ele é só um dos candidatos a candidato do PMDB e os ruralistas vão analisar todas as possibilidades. Minhas definições não acontecem em momentos indefinidos", esclareceu Caiado. E fez questão de ressaltar: "Hoje, no Brasil, ninguém pode prescindir do apoio dos ruralistas numa campanha eleitoral".

A partir de hoje, um poder em declínio.

Promulgada a Constituição, começa o declínio do governo Sarney. A descentralização de poderes aumenta a autonomia dos Estados e transforma os governadores em peças importantes do jogo sucessório. A campanha presidencial logo chega às ruas, como já acontece na municipal. Para os governadores, a etapa agora é a de preparar o futuro.

"A partir de hoje, as coisas se regulam pela nova Constituição. Não é uma questão de mais ou menos poderes para o governo federal, mas o fato é que o povo decidiu pelas novas regras. Precisamos, então, procurar uma saída para o País, para as questões que afligem a população, porque a situação está muito difícil" — disse ontem o governador de Pernambuco, Miguel Arraes.

Na opinião do governador do Rio Grande do Sul, Pedro Simon, o presidente Sarney deveria capitalizar a vitória da nova Constituição, da descentralização de poderes. "Tudo depende da forma como o presidente interprete as novas regras. Se eu fosse ele, interpretaria como vitória sua também, pois ele permitiu uma abertura em termos de Federação, uma descentralização do poder político."

O governador gaúcho condena ainda a deflagração da campanha presidencial em meio à campanha municipal: "Se depender de mim, o PMDB e o deputado Ulysses Guimarães não devem entrar neste jogo. Ulysses deve recomeçar um caminho, divulgando a Constituição e os candidatos a prefeito do PMDB. Sou contra a idéia de que ele ou um grupo em torno dele venha a lançá-lo candidato. Isto é coisa de partido pequeno. A candidatura de Ulysses é natural, mas não deve sair de Brasília, com a imposição de um candidato. Esta candidatura deverá ser lançada pelas bases do partido" — arrematou.

Simon admite que será inevitável a deflagração da campanha sucessória de Sarney ainda este ano, mas defende que o presidente "transforme um limão numa limonada. Ele já teve quatro eleições em seu período de governo e pode transformar estas duas eleições que virão — a municipal e a presidencial — em campanhas independentes, sendo governante de toda Nação, impondo respeito", concluiu.

O governador da Bahia, Waldyr Pires, acha que o governo federal não perde tanto assim, pelo menos em termos de recursos, "pois a transferência de verbas será gradual. A operação desmonte é mais rigorosa para os Estados do que o ganho de receitas resultante da nova Constituição. Esta operação é uma tentativa de frustrar os objetivos da nova Carta" — afirmou Waldyr.

No plano político, segundo admite o governador baiano, o País entra num ano de campanha presidencial. "Evidentemente isto representa uma perda política do governo que sai. O mais importante agora é a recuperação dos poderes do Legislativo do que propriamente a transferência de recursos para os Estados e Municípios. Na medida em que o Congresso se fortalece, os governos estaduais também se fortalecem", afirmou.

Com a nova Constituição em vigor, ascende a primeiro plano no cenário político a figura do deputado Ulysses Guimarães e decresce a influência do presidente Sarney, na opinião de Waldyr Pires: "Ulysses já exercia grande influência no processo político, embora o presidente da República continue a ser o chefe da Nação. Ulysses é o presidente do PMDB, que comandou o processo de transformação."